



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Saberes tradicionais e Paradigma biocientífico: alianças e fricções

V 13 | n 25 | jul-dez 2024

O corpo ecológico a partir do Quilombo da Serra do Evaristo

Cauê Fraga Machado



Edição eletrônica

URL: [NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (ufsc.br))

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

MACHADO, Cauê Fraga. O corpo ecológico a partir do Quilombo da Serra do Evaristo. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 13, n. 25, p. 81-104, jul-dez 2024. Semestral.

© NAUI

O corpo ecológico a partir do Quilombo da Serra do Evaristo

Cauê Fraga Machado ¹

Resumo

Esse artigo trata dos corpos enquanto uma ecológica, no quilombo da Serra do Evaristo/CE. A descrição do relevo, manejo das águas, agricultura, paisagem, sistemas de cura em composição com algumas narrativas caracterizam o material empírico. Através do caso etnográfico particular, busco demonstrar, de modo mais geral, como o tratamento ecológico para compreensão do corpo pode propiciar uma descrição mais próxima dessa experiência na Serra do Evaristo e como proposição para pensar corpo em quilombos contemporâneos

Palavras-Chave: Corpo; ecológica; Quilombos; Serra do Evaristo.

Abstract

This article addresses bodies as an ecological entity in the quilombo of Serra do Evaristo/CE. The description of the relief, water management, agriculture, landscape, and healing systems, in conjunction with some narratives, characterizes the empirical material. Through this particular ethnographic case, I aim to demonstrate, in a broader sense, how the ecological approach to understanding the body can provide a more accurate description of the experience in Serra do Evaristo, as well as serve as a proposition for thinking about the body in contemporary quilombos.

Keywords: Body; ecology; Quilombos; Serra do Evaristo.

¹ Bolsista de pós-doutorado no PPGS/UFRGS e professor convidado no PPGAS/UFRGS e no PGDR/UFRGS. cauefm@gmail.com. O autor gostaria de agradecer os quilombolas da Serra do Evaristo, especialmente Dona Socorro e Professor Evandro, além disso, os comentários e correções de Marcos Carvalho.

Introdução

A Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, está localizada a 130 km da Capital cearense e compreende uma população de aproximadamente trezentas pessoas, contando aquelas que ali residem sazonalmente, foi certificada em 2010 pela Fundação Cultural Palmares e não é titulada. Formada por uma maioria de agricultores que são também católicos, a Comunidade tem no ambiente e na descrição ecológica² do mundo a expressão de suas “técnicas de autoconhecimento” (ver. Strathern 1987). Tendo em vista esse horizonte, o artigo trata dos corpos enquanto uma ecológica. A descrição do relevo, manejo das águas, agricultura, paisagem, sistemas de cura em composição com algumas narrativas caracterizam o material empírico. Através do caso etnográfico particular, busco demonstrar, de modo mais geral, como o tratamento ecológico para compreensão do corpo pode propiciar uma descrição mais próxima dessa experiência em quilombos contemporâneos.

A economia de subsistência e a monocultura da banana para venda são pares não opositivos de um modo de lidar com a terra e com a água, configurando um estilo de vida que caracteriza o ser agricultor do Evaristo, o agricultor-católico³. Esse modo de existência tem base no aprendizado das atividades ligadas às duas estações do ano, inverno (chuva) e verão (não-chuva), nas quais a importância da água fica evidente. Manejar o solo, realizar mutirões para o plantio e para construção de casas e cisternas está relacionado às estações também. A relação da comunidade com os fenômenos essenciais para o modo de vida da agricultura sertaneja (duração do inverno, secura do ar, aproximação de aragens) ocorre mediada pelo especialista ritual conhecido como Profeta da Chuva.

A Farmácia Viva, uma das Pastorais da Capela local, ‘participa’ no cuidado com o corpo-saúde entra em cena, com remédios caseiros: lambedores, infusões, garrafadas, tinturas, pomadas, argila e tônicos. Remédios aprendidos de mãe para filha, outros em cursos oferecidos pelo Governo Federal a comunidades tradicionais. Todo preparo é acompanhado de limpezas

² Ecológica deve nos remeter, aqui, ao sentido grego de “*Oikos*” (casa/lugar onde se vive) e de eco, também, porque ecoa quilombo em todas as suas relações do tipo organismo-ambiente, aqui, inspirado em Bateson (1979). O modo pelo qual os quilombolas se auto-conhecem e seu modo de existência, sua ontologia é expressa pelo tipo de vinculação ecológica, que faz do corpo-natureza ou organismo-ambiente índices da relacionalidade que os singulariza em relação aos não-quilombolas, ou modernos para quem a divisão natureza e cultura, corpo e mente, razão e emoção, individual e coletivo singulariza pessoas individuais. Corpos sem natureza. Corpos não-ecológicos. Ecologia é um modo lógico de corpo-pensar e isso deve ficar explicitado ao longo do artigo.

³ Modo como se autoidentificam quando falam sobre serem “tradicionais” (conceito de suma importância para a luta quilombola). Importante frisar que o agricultor se assemelha mais ao que a antropologia comumente chama de camponês ou campesinato negro. Já o católico tem a ver com as práticas locais, que apesar de terem contato com a teologia da libertação, agenciam outras formas, imagens e figuram que constituem o que chamei de “catolicismo local” em Machado (2018).

espirituais e orações com transmissão de dons curativos das mãos para o remédio, cujo principal ingrediente vem da fé, ou, melhor, é a fé.

Por fim, discorro sobre os debates que os habitantes travam em torno da monocultura da banana, a qual sustenta financeiramente, mas também consome água em demasia. Um debate político sobre escassez/abundância da água⁴ e monetarização da vida, no qual a própria banana pode transitar entre as noções de alimento, dádiva e commodity. Desse modo, podemos dizer que ecologia trata de um corpo político, também.

Na esteira das reflexões de Muniz Sodré (1998; 2018) sobre corpo e corporeidade como filosofias afro-brasileiras e de ecologia como modo de estar no mundo particular a população negra, penso o caso do Evaristo, de matriz religiosa católica (catolicismo local), como exemplar da continuidade epistêmica de filosofia da corporeidade negra a despeito dos efeitos do colonialismo. A força do argumento do sociólogo, permite fazer passar pelos corpos uma ecologia ela mesmo emanada de uma corporeidade específica. Ao livrarmos-nos de vez dos binarismos, apostando em um materialismo radical, afirma Sodré (2018), alcançamos a filosofia nagô, na qual o corpóreo produz incorpóreos. Minha intenção, é demonstrar etnograficamente como o contrário disso, o caso de teorias “carnistas”, “encarnadas” ou “tecnológicas” da cultura nos afastam da experiência concreta de corpo em prol de uma abstração que ainda produz descrições binaristas dessa entidade que é a corporeidade.

Para dar conta dessa proposta, divido o texto em quatro partes etnográficas, para ao final tecer algumas considerações mais gerais

Profeta da Chuva

O profeta da chuva, Seu Paulo, reconhece e interpreta os sinais, a partir de sensações, que lembram as ideias de ‘chave’ (*sensus* Ingold) ou ‘índice’⁵ (*sensus* Pierce) que comunicam ou dão ‘pistas’ que evidenciam: o tempo de estiagem, de chuva, de seca, de calor ou de umidade. Para isso, entram em ação o dom e o saber adquirido ao longo de uma vida dedicada à

⁴ Há, sem dúvidas, um saber e um milenarismo (ou escatologia, ou uma visão de fim do mundo por catástrofe climática) próprios relacionados à seca que remetem às profecias de Padre Cícero e Antonio Conselheiro. Essas, geralmente, divulgadas pela oralidade e pelos cordéis que fazem parte do repertório do camponês cearense sobre como lidar com a mudança climática e a possibilidade de seca total, quando toda a produção de alimentos está inviabilizada e o sistema regional se colapsa, forçando a migração massiva. Nesses casos, a ação política, assim como as ocupações e saques aos mercados locais, é a estratégia do povo do Evaristo, pois, diferentemente do que se passamos sertões sua terra é de natureza abençoada e por isso de “liberdade”. Ninguém precisa fugir da seca, nem depender da água do patrão, como comentam.

⁵ Como Velho (2001) nota, há uma estreita ligação entre Ingold e Pierce: as noções de pista e de índice, respectivamente, deixam a influência do segundo sobre o primeiro bastante evidente.

observação da natureza⁶ (plantas, animais e tempo). É isso que permite as profecias. Através de uma continuidade, ou uma não disjunção entre o que chamamos de natureza e sobrenatureza⁷ é que acontece o dom, a parte que não se aprende desse ofício. Exemplo disso é a comunicação com as borboletas. Elas contam sobre a chuva que virá ao tocar a pele do Profeta. Isso faz parte do que não se aprende, é um saber comunicativo inato.

Observar, por seu turno, proporciona um saber adquirido ao longo dos anos, como no caso das constelações que avisam sobre chuvas e estiagens – tema crucial n’As Mitológicas de Lévi-Strauss, na qual a observação dos astros e das constelações está relacionada às estações do ano, como constelações que, ao aparecerem, marcam determinadas épocas (Lévi-Strauss 2004)⁸. A paisagem oferece diferentes contornos ao observável e ao dom. A mudança de estação está relacionada ao mal em geral, e provoca uma miríade de males que adoecem pessoas e animais, como viroses, quentura, friagem e alergias, sendo que para cada estação, há um tipo. Dizem, inclusive, que as estações mudam os corpos. Isso acontece também com a natureza, que tem sua estética radicalmente modificada: no verão, a paisagem fica avermelhada, no inverno, o verde e o cinza da chuva predominam. Contudo, o Evaristo é sempre mais verde que seus arredores.

As mudanças climáticas das últimas décadas diminuiram o tempo do inverno de seis para três meses no máximo. Isso acaba por mudar constelações de lugar, extinguindo plantas e insetos necessários para as profecias. Contudo, a linguagem nativa aciona menos uma questão

⁶ É importante ressaltar que natureza é uma categoria nativa relativa à materialidade do ambiente. Não obstante, essa natureza age e possui intencionalidade, não é apenas passiva, mas entra em comunicação com algumas pessoas. Os animais, por seu turno, fazem parte de outra categoria que se divide em outras subcategorias ligadas ao trabalho e à comunicação. O jumento é um trabalhador; os pássaros são pura beleza que cantam e voam, mas se comunicam mais através dos ‘índices’ que deixam nos seus ‘rastros’. Outros animais que voam, exceto o morcego, também “conversam” ou “avisam” o Profeta da Chuva dando ‘pistas’. O sapinho do mato é outro que faz o mesmo tipo de comunicação ambiental (ver Bateson: 1972). O cachorro é o animal de estimação por excelência. Galinhas, galos, porcos e cabritos são alimentos, ou melhor, provém a comida em sendo e produzindo matéria-prima para cozinhar. Há, ainda, animais rastejantes, anfíbios e répteis que causam repulsa. Esses podem servir a quem pratica bruxaria, o avesso da benzedura. O gado bovino e os animais marinhos e de rio são menos animais do que produtos alimentícios, pois são sempre comprados.

⁷ Sobrenatureza é categoria ética (do pesquisador) para descrever o que não é natureza para os nativos, nem pessoa, nem divindade (Deus, Jesus Cristo, Maria e os Santos Católicos). Nessa categoria, coloco seres considerados do bem e do mal, bonitos e feios para os nativos. São seres invisíveis na maior parte do tempo, visíveis para especialistas rituais e para outras pessoas em momentos de ‘mundo invertido’, como nos sonhos e nas ‘assombrações’.

⁸ Como nos mitos de origem das chuvas entre os Bororo (: 72-74), do arco-íris em seu lado negativo como responsável pelas doenças e cataclismos naturais (: 283), no mito Xerente em que o astro sol não pode ser irritado para que as chuvas não cessem (: 225-228) e, especialmente, na parte dedicada ao ‘duplo cânon invertido’, em que, no mito Xerente, as estações se relacionam diretamente às constelações. Os próprios meses são contados em lunações, as estações e as chuvas são contadas, portanto, sob o ponto de vista astronômico (: 252). É o código astronômico que Lévi-Strauss aponta como organizador do tempo. Assim acontece também com os Tapirapé e com o Evaristo. Os meses são invenções mais recentes no tempo do que o saber ancestral do Profeta da Chuva.

climática escatológica do que uma ética-estética cristã descumprida ou desviada nos últimos anos, relacionada ao fim da prática de esconder São José e de realizar procissão para ele, bem como à escassez das Danças de São Gonçalo - importante prática do catolicismo local.

Na tarde de 20 de setembro, fui até a casa de Seu Paulo para ter com ele, o que já havia se tornado um hábito nos finais de tarde durante minha estadia no Evaristo. Paula Bento, como é conhecido o patriarca da família Bento (existem cinco famílias principais que orientam as relações de parentesco e de ocupação do território), trabalha pela manhã em seu roçado, após o almoço descansa, e no fim das tardes fica em seu alpendre, cujo posicionamento dá visão privilegiada de toda a movimentação no Evaristo. Quem entra e quem sai, de moto ou a pé, quem vai para o Bar da Dila (sua filha) jogar bilhar e beber, todo mundo pode ser visto das cadeiras e da mureta que fecha o pequeno alpendre, assim como todos podem avistar Seu Paulo junto a sua esposa, filhos, netos e genros. É ali que ele fica das 16 horas até por volta das 21 horas, quando se recolhe para dormir. Por vez ou outra, o patriarca arruma alguma tarefa para realizar em casa, como preparar veneno para peste na plantação a partir da mistura de folhas, ou dobrar capim-elefante para fazer o telhado do galinheiro. Era essa a atividade que exercia naquela tarde em que o sol tardava a se pôr e o calor fazia de todo trabalho um tanto mais árduo. Sinais de inverno ruim, disse-me.

Dos fundos de sua casa, em uma bifurcação em duas direções principais, uma para casa de seu filho Antônio e a outra para casa de sua filha Graça, um pedaço de chão coberto por cimento é lugar de trabalhos de Seu Paulo, mas também de festas familiares, já que, além das três casas, do lado esquerdo da casa dele, uma servidão é o que se entrepõe à casa de sua filha Gonha, e do lado direito, outra servidão separa sua casa da de sua outra filha, Rosa. Na última servidão, há duas cisternas, sendo que nos fundos da casa, encontra-se uma terceira. “Quanto mais cisternas, melhor pro cabra não sofrer no verão”, diz-me. Pois é em torno da água que a vida no Evaristo é feita, é pela escassez dela que se ora e que se consulta o Profeta das Chuvas, o especialista ritual que é Seu Paulo.

As profecias, dons dados por Deus, aliam-se a uma série de aprendizados, que, precisamente, aquele que possui o dom para profetizar, é o único sensível a aprender. Seria possível falar em ‘índices’ ou ‘pistas’ que passam batidas aos olhos de todos, mas um profeta das chuvas não deixa de ser por elas tocado – literalmente em alguns casos. O lugar privilegiado de residência, no sentido de ser lugar de passagem e de grande movimentação, também não é um dado à toa: é preciso morar e ficar disponível para os transeuntes interessados (e são quase todos) cotidianamente a perguntar sobre “quando da chuva”, ou sobre ela assuntarem. Desse

modo, Seu Paulo, sua casa, sua vida, seus saberes e dons são as como ‘emaranhados’ de um corpo ecológico. É no saber sobre a chuva, sobre a quantidade de água disponível para se viver que a paisagem é feita e refeita na labuta do dia-a-dia. A relação com Deus e a com a natureza atravessam o homem, que narra os agenciamentos próprios do que o torna exatamente quem é, um sábio divino-humano, pela dupla alimentação de seu saber-poder, “é parte do mundo, mas é parte de Deus também” (Seu Paulo falando sobre seu dom).

O especialista ritual nos fenômenos da natureza que tanto importam para o agricultor do Evaristo (duração do inverno, secura do ar, aproximação das aragens) é um patrimônio comunitário, por isso mesmo “descansar” no alpendre não é sinônimo de repouso, mas é ocasião de trabalhar respondendo às indagações sobre o tempo.

Voltando à conversa, busco deslindar essa ecológica da profetização⁹ das chuvas. Antigamente, nos tempos de juventude de Seu Paulo, não existiam as cisternas de placa hoje utilizadas no Evaristo, e a água era a de poço, de olhos d’água e de algumas vertentes que existiam no lugar, além de poucos serem os utensílios para o armazenamento. Sem considerar as cisternas, o principal desses objetos é ainda hoje o pote de barro. Toda água que se bebia era a água do pote. Mas também não era preciso guardar tanta água do inverno (leia-se, estação das chuvas) para o verão (estação sem chuvas), já que cada uma das estações durava seis meses. Tempo necessário para o plantio e a colheita de todo roçado (milho, fava branca, fava espírito santo, feijão de corda, verduras/leguminosas diversas), para se esbaldar na água dos invernos e alegrar-se com a chegada do primeiro sol de verão. Tempos que ficaram na memória, pois como diz o Sábio, “agora tá tudo desmantelado”.

Em pé, sempre apontando com a mão para cada planta sobre a qual falava, conta sobre o ciclo infeliz de alguns espécimes e da dificuldade em fazer profecias nos dias de hoje:

Fuloração¹⁰ do juazeiro... Foi tudo desmantelado, esse ano [2014] uma parte do juazeiro fuloro e caiu com o sol. Outra fuloro em outubro, não em setembro, porque caiu em fevereiro o que era de janeiro. Tudo se desmantela, a experiência da gente é assim... As mangueira não deu certo, o feijão bravo não deu certo. O vento tá atrapalhando, não tem experiência que dê certo não. Só quem tem muito estudo mesmo... Mesmo assim a gente ensina pros mais novo aprenderem. Mas não tem mais quem profetize...

⁹ Conceito nativo. O Profeta não advinha, como em Vieira (2015), ele recebe as profecias de Deus. Como me contou Seu Paulo: “receber de Deus é profetizar”.

¹⁰ No português local, fulorar é o mesmo que florir no português oficial. Assim como fuloração é florescer. Em outros estados do Nordeste, essa mesma variação é utilizada, como é possível observar na famosa “Xote das Meninas” de Dominginhos: “Mandacaru quando fulora na seca”...

A despeito da desorganização, do dismantelamento de todo ciclo anual dos frutos que as terras do Evaristo dão, Seu Paulo segue profetizando e ensinando. Paulo Sergio, um jovem da comunidade, é apontado pelo Profeta como aquele que dará seguimento ao seu dom, o qual recebeu de Deus e foi aprendendo a usar desde pequeno com seus avôs. Conta que tem que exercitar o dom, observar a natureza para ser um bom profeta, porque existem dois tipos de profeta: “o bom e desses que se enganam”.

A natureza é também a Comunidade: juazeiros, mangueiras, mata verde e cheirosa, pássaros, borboletas, o céu, os astros, as constelações, a fé e as pessoas de lá.

Aprendi dos meus avôs mesmo. Cruzeiro Grande [constelação] tá deitado indica chuva, quando tá deitado assim na época de inverno... Tem a Barquinha de Noé também. Fica pra cá, pra esse lado do norte... Tem o Sete Estrelas também. Quando ele tá bem choroso, as estrelinha tudo bem cinzentinha que você quase não conta. Aí tudo é sinal de chuva... Quando [o céu] tá bem limpinho, dá pra ver bem as estrelas, daí não é sinal, é sinal de que não vai chover. A Ingazeira quando ela sustenta uma carga, que ela fulora... Mas esse ano [2014] não fulorô, não segurô, tá toda seca... Pode ver esse tempo com bastante sol e quente...

Quando Seu Paulo olha para o céu, mira os astros, assim calcula a chuva, do mesmo modo que faz quando olha para outros habitantes (pessoas, plantas, animais) da/na ecologia local. É a mudança das constelações que vão indicando o tempo por vir. A precisão, como os milímetros de chuva, esses não podem ser calculados, é Deus quem dá. “Vem dado por Deus. Vem assim na cabeça da gente. Se não vem é porque Deus não consentiu da gente acertar nada. A gente tem experiência pelos pássaro, pelos sapinho do mato. A gente ainda nem sabe, mas eles sabem quando vai chover já. O João de Barro esse ano nem fez casa (o que indicaria chuva)”.

Mais tarde, já estávamos na sala de sua casa, uma borboleta entra e pousa em sua mão. Ele diz: “ela veio me avisar que amanhã vai chover”; peço-lhe para me contar mais... “A borboleta é o seguinte, essa experiência foi meu padrinho quem passou pra mim. A borboleta dentro da casa, quando a gente vê ela assim à noite, é sinal de chuva”. Todos podem receber esse sinal, mas com o profeta da chuva uma comunicação mais estreita e direta se realiza, a borboleta pousa em sua mão. O profeta não tem como não perceber os sinais da chuva. Uma borboleta poderia entrar na casa de qualquer um, parar em algum móvel e sair. Teria deixado sua mensagem, mas talvez não houvesse ninguém a que pudesse recebe-la...

Da chuva depende a lavoura, não só para crescer, mas para combater a peste que vem da escassez das chuvas nos verões dismantelados. Sem chuvas no verão, a ova da lagarta cresce, ela vinga e empesteia toda plantação. Mas os sinais são muitos e estão nos astros, nos animais,

nas árvores, no que é chamado de mato. “O mato, a gente faz uma experiencizinha muito besta dele. A guabiruba, se ela fulurá no mês de março e vingar, chove. Os pássaro come ela. A laranjinha, que é comida de pássaro tem que fulurá em janeiro para brotar em junho pros pássaro comer. É seis meses. Mas eu não vi a laranjinha fulorar. É um ano atrapalhado mesmo”. No mato, plantas e pássaros estão unidos como ‘pistas’ para o saber sobre a chuva. As mudanças, os atrapalhos e desmantelamentos do mundo, apesar de indicarem tempo ruim, demonstram o papel fundamental do profeta como receptor e transmissor das mensagens de Deus sobre as chuvas¹¹. Como comenta Seu Paulo: “antigamente era seis meses de inverno, de janeiro a junho. Agora é só três. Antigamente dizia, amanhã é 1º de julho... Era tão lindo! Amanhecia tudo ensolarado, bem vermelhinho. Com vento correndo já, que é sinal de verão. Vento é primavera-verão, diz né, que primavera é verão... Mas na verdade só o Pai do Céu pra adivinhar a chuva. Nós só faz o cálculo se ele consente”.

Quando Seu Paulo entra em relação com Deus para professar o tempo, pode afirmar quando os sinais, naturais ou sobrenaturais, indicam que não choverá, o que abre possibilidade para um tipo de mediação¹² semelhante àquela dos moradores com São José – através da prestação de novenas, procissões e promessas –, sem, contudo, que haja pagamento pelo dom da profecia. A mediação via Sãoi Joséjá não ocorre mais, explicação, mais do que certa, de acordo com o Profeta, para a redução do inverno. “Antigamente o povo rezava o mês de março todinho para São José, que o dia dele é 19 de março. Era animado viu! Mas hoje ninguém qué. Tem dinheiro para comprar tudo, até água! Menos a salvação...”.

Vale ressaltar a importância de São José no Ceará, estado em que é padroeiro. É São José destinatário dos pedidos por chuvas, como diz ladainha rezada para ele: “Glorioso São José, dai-nos chuva em abundância [...]”. Por todo o estado, é seu dia, 19 de março, marcador de um bom ou mal prognóstico de inverno. Para ser bom, é preciso que até seu dia chova.

¹¹ Aqui um emaranhado com as possibilidades interpretativas entre as ‘pistas’ de Ingold e os ‘índices’ de Pierce, que também aparecem em Kohn (2013), bastando-se lembrar da comunicação interespecífica na floresta. Todas essas possibilidades podem ser melhor resumidas a partir da noção de ‘comunicação’ em Bateson (1972): ‘o mundo da forma e da comunicação não invoca coisas, forças ou impactos, somente diferenças e ideias’ (: 271). Trata-se de um mundo estético, onde só podemos perceber, e é essa percepção dos códigos que comunica. Pistas e índices são códigos numa ecologia da mente onde só há diferenças e relações. Aqui, há um afastamento entre comunicação como língua e uma aproximação da experiência do organismo no mundo. Caso contrário, em um mundo de signos e significantes, todo sujeito seria duplo, um deles um erro.

¹² Os santos católicos, bem com Maria, são mediadores/intercessores entre homens e Deus. Não obstante, no catolicismo local, de cunho popular, os santos assumem formas próximas a do próprio Deus nas práticas, não no discurso oficial, tampouco nas novenas. Ainda que se ame e se cultue São José em casa, na hora de orar, pede-se: “São José, intercedei por nós”.

Noutros lugares do Brasil e do mundo, São Pedro é conhecido por mandar as chuvas, aquele que abre as portas do céu, fazendo derramar água.

São José é lembrado com saudosismo por outros moradores mais antigos do Evaristo. Numa época quando não chovia no período esperado, “se roubava São José”. Como Dona Socorro lembra: “antigamente se roubava São José [imagem] da casa de alguém para a chuva vir. Quando chovia a gente fazia uma procissão até a casa onde foi roubado. Pedia esmolas. Tinha muitos fogos. Tinha mais fé! Mas hoje o problema é escassez ambiental. Será que devíamos roubar São José de novo?”.

Contra a morte, a Farmácia Viva

Como já mencionado anteriormente, escassez é questão central para a ecologia local, especialmente da água, já que tudo que é “ambiental” a ela se relaciona. Por escassez ambiental, Dona Socorro, entende que natureza e pessoas estão interconectadas, por isso mesmo pode haver escassez de fé, tanto quanto de água. E fé e água participam uma da outra de modo crucial na ecológica local. É justamente dessa participação recíproca, que está desmantelada, como diz Seu Paulo, ou que sofre de carência ambiental, como fala Dona Socorro, que a saúde do território e de seus habitantes depende. Não à toa, a “Farmácia Viva” é uma iniciativa política e, ao mesmo tempo, uma das pastorais da Capela local. Farmácia Comunitária, como também é chamada, é comandada por Dona Socorro, com o auxílio de Natália e Dona Conceição – filhas de Seu Paulo e sobrinhas de Dona Socorro, já que a esposa daquele é a irmã mais velha dessa. Como se pode notar desde já, a socialidade se forma por uma ecologia política do parentesco.

Os produtos da Farmácia Viva são fabricados pelas três mulheres a partir, principalmente, de ingredientes encontrados no bioma local. Outros como parafina, cânfora, biotônico Fontoura e embalagens (garrafinhas, potinhos e saquinhos), são adquiridas com verba de projetos através da Associação de Moradores. Contudo, afirmam as três responsáveis pela preparação, armazenamento e venda dos remédios naturais, o mais importante é a fé. É preciso estar com corpo e mente limpa, diz Natália. Estar calma e fazer tudo pensando em Jesus Cristo e em coisas boas, fazendo passar das mãos para cada produto o sentimento de cura pensado na hora do preparo. Por isso, não é qualquer pessoa que pode fazer a mesma receita e obter o mesmo resultado, são poucas as mãos capazes de transmitir a eficácia curativa. Xaropes, tônicos, extratos, pomadas e argila para pele são os principais produtos.

Antes de passar aos remédios, seu modo de fabricação, localizações secretas e sagradas e a fé envolvida em todo processo da “Farmácia Viva”, passo às doenças ligadas às estações. Como diz Seu Paulo, “tem época que chega doença de olho, abril pra maio. Os olho vermelho, remelento véi”, e assim com outras aflições também. É sobre elas, principalmente, que os produtos da farmácia agem. Não obstante, a separação e sistematização em qualidades distintas de adoecimento devem ser relativizadas, pois sempre dependerão de multifatores que incluem desde a idade do paciente até seu histórico de doenças consideradas mais graves.

Assim, depois de alguns dias percorrendo longas distâncias para ir de uma casa a outra a fim de conversar com os habitantes do Evaristo, tive minha primeira insolação. Insolação leve, que apenas fez parar o sistema digestivo e me deixou um pouco tonto. O diagnóstico local para o que eu tinha era “quentura na barriga”, algo bastante comum para quem anda de moto principalmente. Além disso, como disse Dona Socorro, “para aguentar esse sol, só quem é preta como eu, tu é muito branquinho”. Dali uma série de cuidados sucederam, como a “proibição” de minhas saídas entre o meio-dia e 16 horas, pois, para mim, “não havia chapéu que desse conta”, diziam. Além desse tipo de cuidado, fui introduzido no sistema de cura local. Para minha “quentura na barriga”, dietas nada amenas, apenas o uso do leite de magnésia para expulsar a quentura e Imosec para segurar a diarreia à noite. A magnésia deveria ser tomada pela manhã, seguida de um banho bem gelado, pois a água quente, assim como o sol, faz adoecer não apenas do estômago (ou bucho), mas faz gripar. Consultar um médico por gripe ou quentura só em casos extremos. O povo do Evaristo deve ser forte e a evitação para com os hospitais, postos de saúde ou UPAs não está relacionada somente à escassez desses, mas também, e principalmente, com um ética-estética do agricultor-forte, que aguenta ao máximo toda dor. Isso serve, inclusive, para os casos de idas às benzedeiras e de consumo de remédios da Farmácia Viva. Mulheres e crianças, geralmente, são quem mais faz uso desses serviços.

Mas o efeito da insolação em meu estômago não foi fato isolado, logo fiquei sabendo que se tratava de um mal da estação, sempre no início do inverno. Depois de um ano comendo de tudo, pegando quentura, o mal vem para fazer uma limpeza nos intestinos. Quando não vem por dor de barriga, vem por gripe. Só não adoce quem tem “barriga dura¹³”, quem é “ruim”. Logo, quase todos estavam mal “do bucho” ou da gripe. Para o último, os remédios da

¹³ Barriga dura é uma doença, portanto considerada feia. É barriga inchada permanentemente por motivo ou outro, que já não balança mais. Lembra o que a biomedicina diagnostica como gordura visceral.

“Farmácia Viva” são logo procurados. É possível notar três princípios da ecologia¹⁴ dos corpos aqui: i) não faz mal adoecer, o ruim é ter uma doença incubada, ela precisa aparecer, como no caso das mudanças de estações; ii) a relação entre princípios/potências antipáticas para a cura, como curar o que está quente com o que está frio; e, por último, iii) a apresentação e medida da medicina local – que não é a biomedicina, mas pode incluí-la –, como a água que cura e é vida, mas também que adoce quando combinada ao calor do sol, ingerida ou nos banhos mornos que são “reimosos¹⁵”.

Os famosos xaropes são feitos por Dona Socorro no fogão à lenha localizado em seu alpendre. Em uma panela, ou caldeira, de 100 litros, folhas, mel de abelha, água e sementes são misturados com um pedaço de madeira sobre o fogo brando. O tempo de preparo é de aproximadamente seis horas e toma a tarde de Dona Socorro que, entre mexidas no panelão, lava roupas, louças, varre a casa e prepara o jantar. Tudo deve estar pronto por volta das 18 horas para que Dona Socorro tenha tempo de deixar o xarope esfriando enquanto se prepara para mais uma noite de atividades na igreja. No dia seguinte, o conteúdo da mistura que foi cozida é coado em um pano de prato branco, passando para outra panela. Desta panela é que as garrafinhas, com etiquetas feitas pelos “jovens” da Associação, serão preenchidas com o xarope e lacradas, trabalho esse feito por Dona Conceição ou Natália. As etiquetas são impressas no Evaristo mesmo, na Lan House comunitária, ao passo que as garrafinhas, assim como os potinhos para pomada e os saquinhos para a argila são comprados no centro de Fortaleza, sempre com dinheiro da própria “Farmácia Viva”. Lucro, como dizem, ela [a farmácia] não dá, mas consegue se manter e curar gente até de outros cantos do Estado e do País.

O extrato de maçã com rapadura, outro produto bastante procurado, é usado para problemas digestivos, não do tipo “quentura”, mais como um laxante leve. Também é famoso

¹⁴ Anjos (2004) fala de uma geografia dos corpos e do território que se implicam mutuamente para o equilíbrio da saúde, é sua noção de ‘territórios de cura’. Aqui a ecologia dos corpos, assim como a da mente, ultrapassa a noção de organismo com limites na pele, pois ele se espalha por todo o mundo habitado (ver Bateson 1972).

¹⁵ Conceito nativo relativo a tudo aquilo, desde alimentos até pessoas, passando por temperatura, que faz adoecer ou coloca a doença incubada para fora. Geralmente, alimentos e temperatura das coisas consideradas reimosas devem ser evitadas. A reima das pessoas está mais relacionada a algo do comportamento que incomoda, podendo, inclusive, causar alguma doença por causa da baixa “energia” que rouba a “alta” energia de quem está bem, fazendo enfraquecer. Poderíamos chamar de um ‘mal encontro’. Para a reima no Ceará, ver Peirano (1975). A autora comenta que: ‘em Icarai, quando indagadas sobre o que é a reima e por que faz mal, as pessoas nunca fornecem uma explicação geral. Limitam-se a dizer que é prejudicial para mulheres menstruadas, em resguardo pós-parto, pessoas feridas e purgadas, e que tal classificação só se aplica ao “comestível”. É possível ouvirem-se referências a alguns alimentos reimosos como “fortes” (: 41). A distinção entre alimentos quentes e frios que a autora encontra no litoral é diferente daquela feita no sertão, isso porque os peixes são sempre quentes quando cozidos e frios, quando não. A lógica do Evaristo está mais próxima da do sertão, no qual o alimento quente é aquele gorduroso, principalmente, o que inclui a carne de porco e algumas frutas, inclusive. Quente é reimoso, por isso o mal do sol, da água quente para banhos e de todo tipo de “quentura”.

por ser um excelente emagrecedor. O que muda sua função é a ‘dosagem’, a ‘forma’ e a ‘periodicidade’ com que se toma. Quem deseja emagrecer o toma morno, em doses maiores e sempre antes das refeições e em jejum. Para a digestão, toma-se o mesmo após as refeições, em temperatura ambiente e apenas uma vez ao dia.

A pomada para dores musculares, “pancadas”, varizes, hemorroidas, doenças de pele e outros males ainda não descobertos é feita por Dona Socorro a partir da aroeira, que é cozida até que possa ser misturada a uma massa de cânfora com parafina. Depois, coloca-se a mistura em pequenos potes que são lacrados e etiquetados por Dona Conceição ou Natália. Essa pomada é motivo de muito orgulho, pois é “muito milagrosa, já teve gente até de São Paulo que mandou buscar”, conta Dona Socorro.

A argila para doenças na pele é o único dos produtos fabricados por Natália, uma jovem solteira, que anda alguns quilômetros para chegar até a caverna onde se encontra, em estado bruto, a argila milagrosa. Ela conta que é preciso ter muita fé para ir ao lugar, que não pode compartilhar o local exato da onde extrai o material e que mesmo em casa, em meio à correria dos sobrinhos, deve peneirar e empacotar a argila sempre concentrada em transmitir bons pensamentos, deve pensar em Deus e em coisas boas¹⁶. A argila serve para espinhas, manchas e outras “curubas¹⁷” na pele, especialmente no rosto.

Dona Socorro também produz tônicos e tinturas para “doenças da mulher” (esses de modo menos sistemático), feitos em panelas mais velhas, mas também no fogão à lenha. Geralmente, contam com alguns ingredientes fornecidos pelo paciente e nunca são cobrados. São tônicos fortificantes feitos com semente de sucupira misturada ao biotônico Fontoura. Do mel com babosa, surge uma mistura para “doenças da mulher”, o que inclui todo o aparelho reprodutor feminino. Ambos os remédios são depositados em garrafas reutilizadas de vinho, cachaça ou whisky. E, não menos famosos que os remédios da “Farmácia Viva”, são procurados quase diariamente. Podemos notar a transformação e potencialização de uma farmacopeia tradicional-local em “Farmácia Viva”. Comentam, que se tratam de remédios “do tempo dos antigos”, da “tradição nossa”, mas “a gente fez mais cursos e se profissionalizou”.

¹⁶ Esses temas lembram a ‘Oleira Ciumenta’ de Lévi-Staruss (1985) – livro que aborda o ciúme da deusa em relação à oleira que aprendeu a moldar a argila. Os próprios deuses proveram a argila para a cerâmica, o povo celeste ou o povo do fundo, da água, do mundo subterrâneo. Entre os Jivaro, Lua e Sol ensinam, no céu, as mulheres a confeccionar a argila para a cerâmica (Lévi-Strauss 1985: 20-23). No Evaristo, é Deus quem guia alguma mulher e lhe ensina o segredo da argila, como a localização e como prepará-la, no caso aqui descrito é Natália que sozinha é guiada ao local da onde extrai a substância.

¹⁷ Termo local para doença de pele.

Até agora, busquei demonstrar que o Profeta das Chuvas e as ‘farmacêuticas da vida’ nos apresentam a ecologia local e seus agenciamentos de forma singular, conectando acontecimentos, água, estações, plantas, pessoas, doenças, curas, animais, Deus, fé, astros, objetos de cozinha e outros produtos comprados. A ideia é retratar a ecologia local, tal como narrado nas conversas com essas pessoas, a quem chamei de especialistas.

Para dar continuidade a essa descrição e finalizá-la, passo agora à agricultura local. O Evaristo que é terra de agricultores, por excelência, como sempre me disseram: “todo mundo já trabalhou na terra”. A água dá ritmo à vida, porque a terra onde se planta, se coleta e se habita, faz do lugar um território existencial vivido que é compassado pela água e seus usos.

Coisas da Terra

A viagem do centro de Baturité ao Quilombo é longa. São quase 9 km percorridos em 30 minutos. Além de íngreme, a estrada é irregular, cheia de buracos e acidentes naturais. Parte dela tem paralelepípedos, parte é apenas de terra vermelha. A vista é linda e, à medida que subimos a estrada, fica mais e mais bonita. Uma placa com os dizeres “Eco Museu Serra do Evaristo” indica o caminho quando chegamos numa bifurcação. Mas este ponto não é nem metade do caminho, que se torna ainda mais íngreme. Algumas vezes, parece que a moto não terá forças para aguentar a subida. A paisagem fica mais verde com o milharal, o bananal, os coqueiros, todos misturados, fundindo-se com o verde mais escuro dos rios, o vermelho da terra, os grandes rochedos e pedras menores. O céu é azul, limpo e claro, como é comum no Ceará, muito diferente da paisagem seca e avermelhada que o viajante vindo da Capital encontra ao longo do Maciço do Baturité.

Em todas as conversas que tive com os moradores com 30 anos ou mais, todos diziam-se agricultores que trabalhavam na roça junto com os pais desde os 6 ou 8 anos de idade. Desde criança, trabalhando na roça, aprende-se uma ecológica e ética-estética do trabalho que inclui o cuidado com o sol, com a água e com as visagens. A água é escassa no verão e abundante no inverno, o que propicia quadros para existências (ou ‘existentes’) que afetam os corpos, transformando-os estação após estação em parte do território que se estende da terra seca ou úmida para o corpo sadio ou doente, coberto ou descoberto, assim como o verde das plantas e o cinza do céu nos dias de chuva, ou o vermelho da terra e o azul do céu nos tempos de sol. O

corpo como parte fundamental do território faz da ecologia local mais do que espécimes de plantas, tipos de solo e animais, mas um ecossistema que une as vidas humanas ou não conforme o ritmo das estações. Essa força está relacionada a centralidade da água e da agricultura. Isso está próximo à ecologia de Bateson (1972), na qual as fronteiras entre organismo e ambiente se borram para darem lugar à (a uma) ‘relacionalidade’, o organismo-ambiente, que é a própria noção de ambiente e a ciência ecológica para o autor.

Acerola, graviola, manga, goiaba, cajá são frutas que nascem, não precisam ser plantadas, tampouco compradas. Consumidas especialmente na forma de sucos, provêm delas, na época em que nascem, as vitaminas e substâncias outras que o corpo de humanos, pássaros e outros animais, além do próprio solo – na forma de adubo – necessitam. É como numa simbiose quase que total, podada apenas pelo crescimento da monocultura da banana.

Tema polêmico pelo consumo de água que cada pé faz, por um lado, e pelo dinheiro que dele se “tira”, por outro. No plantio da banana, o solo deve ser úmido, por isso o Evaristo é local próprio. A banana pode ser plantada o ano todo, desde que o solo seja sempre irrigado, o que também acontece no Evaristo. Com a ajuda de parentes, amigos¹⁸ e jumentos, o plantio é feito nas encostas da serra, transformando a paisagem em quase 100% de bananais. O trabalho é feito sempre pela manhã, a tarde é tempo de lidar com outros afazeres de cada pequena chácara familiar. A colheita também conta com os mesmos ajudantes, o transporte é que contará com mais um participante, o motorista do “carro” (pau de arara), que levará até a CEASA (Central de Abastecimento) a “carrada” de banana.

Folhas e caules podem ser queimados ou utilizados na alimentação de jumentos e galinhas, representando um aproveitamento quase total da árvore. Mas a banana que substituiu a monocultura do café, do algodão e do urucum¹⁹ não mudou hábitos de consumo, apenas a forma de aquisição. Café agora é comprado na cidade. Urucum não se vende, mas se conserva ao menos um pé, já que não há comida sem se utilizar o coloral, tempero derivado do urucum. A banana sempre fora prato de grande valor, ingerida em quase todas as refeições, seja como bananada no meio da manhã, acompanhando o feijão no almoço e na janta, ou a qualquer hora do dia, quando dá vontade. Já o algodão, esse ficou para a história. De toda forma, o importante é que a ecologia é construída pelo trabalho agrícola, ao mesmo tempo em que a dita: o organismo-ambiente.

¹⁸ Amigo, geralmente, é alguém de fora da comunidade ou um parente que esteja ‘suficientemente distante’ para que não se chame por um termo de parentesco.

¹⁹ Essas eram as antigas culturas da Serra do Evaristo.

Dona Socorro contou que seu esposo, seu Aldemir, seus filhos e quase todos os parentes trabalham na fazenda Manos Kolping²⁰, tendo de ficar fora do Evaristo alguns dias. Alguns moram na fazenda, outros trabalham apenas no Evaristo. Ela e seus filhos, como a maioria dos habitantes, plantam um pouquinho de tudo, só para o consumo da família, e o milho para as galinhas. “Banana é o que mais tem!”, comenta. Todo mundo trabalha com a banana, é ela que é plantada para a venda. A colheita da banana é feita sempre em família, os homens se juntam para “tirar banana” e levar de jumento ou na cabeça até o “carro” que levará a “carrada de banana” para CEASA.

A banana produzida em larga escala é a do tipo prata. Em torno do seu cultivo, há um debate em relação aos demais, devido ao consumo da água. Já que água é central e vital, o plantio de banana vem sendo alvo de críticas por parte de alguns moradores que pertencem à Diretoria da Associação de Moradores. Seu Alfredo, antiga liderança, comenta que é uma questão muito complicada, “porque a banana dá o sustento, a água dá o sustento, mas a banana vai acabar com a água, a banana é pura água”. Assim como a falta de fé dismantela as estações (chuvas e seca), a banana, em sendo pura água²¹, significa um porvir mortífero em longo prazo, pois em curto prazo, significa lucro, que é vida nesse caso.

Pois é. E para a gente sobreviver aqui em cima dessa serra a água é essencial, é que nem o alimento. Porque daí a gente tem desenvolvido bastante esses projetos das cisternas, né? Porque a gente via que as famílias aumentavam e as fontes de água que tinham aqui não davam para atender todas as famílias. Tanto é que alguns anos aí, a gente passou aqui um desafio. As pessoas iam esperar de madrugada a água lá na fontezinha. Às vezes a gente chegava duas e três estavam lá tarde da noite esperando a água jorrar e eles iam pegando a água e levando para casa. Aí depois se criou esses projetos de cisternas que captam a água da chuva e hoje em dia já não tem mais ninguém esperando a água nessas poucas nascentes que têm. Aí eu acho que foi uma vitória muito grande, porque hoje cada família aqui tem uma. Logo no começo a gente conseguia uma cisterna dessas para duas ou três famílias. Aí depois de muito tempo... Todos os anos existiam esses projetos, que é um projeto dessas entidades que a gente faz parte, a comunidade kolping, aí a gente conseguiu esses projetos e já estão atendendo a comunidade do Evaristo quase toda. Aqui por ser uma região que não faz parte, não sei porquê, do semi-árido... Diz que a região de serra é uma região rica em água, né? Aí ela não recebe diretamente esses projetos de cisterna. Agora que a gente conseguiu umas para cá. Mas se fosse depender desses projetos, eu acho que o clamor seria muito grande por água. Então eu acho que a gente conseguiu sair na frente com esses recursos dessa entidade religiosa, da kolping, a gente conseguiu atender várias famílias com esse projeto de cisternas, e que aliviou muito esse problema da falta de água. Aí depois as próprias famílias, além da cisterna que receberam, constróem uma ou outra, conseguem projetos... Já apareceu projeto via banco, para construir uma

²⁰ Fazenda Adquirida em parceria com as Organizações Católicas Internacionais “Manos” e “Kolping”, lugar que não tive a oportunidade de conhecer durante meu trabalho de campo.

²¹ Como dito anteriormente, água não pode ser comoditizada, contudo, “a banana pode ser pensada como a comoditização da água”, como, Consolação Lucinda, a quem aproveito para agradecer, observou quando da defesa da tese (ver Machado 2018).

outra, né? Então eu acho que o caminho é esse. Se a gente quer viver aqui, tem que arranjar algum meio para a gente armazenar água. Porque a tendência daqui é essa pouca água que tem aqui em cima ir aos poucos desaparecendo. Eu tenho monitorado algumas nascentes e anos após anos a gente nota que todo ano desaparece uma ali e depois outra ali. E eu digo assim: “Minha gente, vamos nos proteger. Quem puder construir uma cisterna mais, vamos construir. Porque a tendência nossa é perder todo esse recurso de água nascente que a gente tem aqui”. Porque nós desmatamos, nós acabamos com a serra com o plantio da bananeira e hoje em dia a gente está sofrendo as consequências, né? E a gente vê que agora é um clamor não só aqui no Ceará, mas até lá em São Paulo, que é a terra da garoa, com riqueza de água, e o pessoal rezando para chover nas beiras do rio e aumentar o nível dos reservatórios, né? (Seu Alfredo).

Outra cultura que consome bastante água é a do arroz, mas que é feita em escala menor, apenas para consumo, já que muito do arroz precisa ser comprado na feira de Baturité. Desse modo, qualquer perda de lavoura significa menos perda de dinheiro do que perda de vida, sendo o mal que desvitaliza a terra.

O tema da banana é controverso entre os habitantes. Contudo, sobre a relação entre fé e a saúde da terra, não existem desacordos, pois com fé, a água nunca se esgota. Com fé, a lavoura vinga! Dona Socorro conta que antigamente se fazia novena para São Sebastião, protetor das matas e de tudo que é plantado. Davam-se muitos tiros, muita comida, muita festa e alegria para o santo salvar a lavoura de arroz da praga da barata. E assim com outras culturas.

Animais no Evaristo, apenas galinhas, jumentos, cães, gatos e capotes para enfeitar o pátio, e pássaros para enfeitar os alpendres. Animais de grande porte não são criados. Algumas famílias possuem cavalos para locomoção, o que já foi quase completamente substituído pelas motocicletas. A mudança da relação ecológica do caminhar para a motorização da locomoção é, sem dúvida, tema relevante. Não à toa, há comentários sobre os jovens que têm nas rodas das motos seus pés, por um lado, e das senhoras que têm medo de andar de carro, por outro. A motorização, que significa facilidade, significa perigo também, não só pelos acidentes, ou por um novo modo de lidar com o solo, mas pelo novo não previsível que assusta.

Dona Luzia lembra-se da dificuldade de “antigamente”, quando se trabalhava para o patrão, “tudo a pé”. O trabalho “alugado” (arrendado) quase não sustentava a família. Trabalhava-se muito, ao contrário dos tempos atuais. Também diz que os jovens de hoje são ricos, pois não precisam levar água na cabeça, nem tomar café de milho torrado. As mães já não precisam mais passar fome para que os filhos tenham arroz e feijão para comer. Entretanto, relata também que, antigamente, se era muito feliz, todo mundo se ajudava mais. Quando casou, ela e o esposo não tinham casa, mas o povo do Evaristo se reuniu e construiu uma para o casal. Desde então, a casa se transformou, “melhorou”, mas agora fruto do trabalho da família, não

da Comunidade. De qualquer forma, apesar das dificuldades, considera que, se comparar com outras comunidades, no Evaristo o povo se ajuda muito: “ninguém morre de fome aqui não. Tem sempre alguém pra ajudar. Quando me operei e não podia trabalhar, não faltou gente para ajudar”. Hoje a aposentadoria rural e o bolsa família de suas netas permitem uma vida tranquila, sendo preciso trabalhar somente na sua própria terra. Outra ocupação de Dona Luzia é a benzedura. “A vida, agora, é feliz”, alegra-se em contar.

Evaristo é terra da liberdade

Além do solo de textura argilosa propiciar culturas como a da banana e a do arroz, a Região do Maciço do Baturité onde está localizado o Evaristo possui clima tropical úmido e subtropical úmido ao contrário do ambiente do sertão dos municípios vizinhos. Isso faz do Evaristo lugar de orgulho para seus moradores que vivem com a temperatura média de 25°C e por isso consideram todo resto do Ceará extremamente quente, com exceção de Guarimiranga, ponto mais alto do Maciço. De acordo com o estudo arqueológico no cemitério indígena no território do Evaristo, Freitas et. all. (2015) afirmam:

Entre 600 e 1200 metros de altitude, o Evaristo possui clima tropical úmido e subtropical úmido, com temperaturas médias de 25° C e precipitação de 20-25000 milímetros por ano, em média. Encontra-se na de Convergência Intertropical, o que gera verões e outonos úmidos com ventos NE-E que provocam invernos e primaveras secas, isto na noção ética das estações. Na êmica, como já comentado, existe apenas inverno e verão. Os rios que abastecem a região pertencem a duas bacias: a ocidental, perto do Rio Curu e a oriental no rio Aracoiaba da sub-bacia do rio Choró. Os solos são uma associação do tipo podzólico PV1 (Vermelho-Amarelo e Vermelho-Amarelo Eutrófico A) com textura argilosa e bastante alterado o microclima regional. A vegetação do Nordeste Atlântico é subdividida em floresta semidecídua e floresta úmida montanhosas (Brejos de altitude) em associação com a Caatinga, típico da Depressão.

Essa riqueza de árvores e o céu sempre limpo fazem do Evaristo “terra de liberdade”, como fica claro em uma das conversas que tive Com Dona Socorro, Dona Toinha e Seu Nonato, quando me indagavam, “tem sol onde tu mora? Faz frio lá? Tem verão? O que vocês comem? É perigoso?”. Falavam sobre a beleza do céu, da lua e das estrelas, que não existiria igual em outro lugar. Seu Nonato acrescenta: “Rico veve infeliz, preso num escritório, carro ou apartamento. O cabra daqui é livre”. Dona Toinha acrescenta: “aqui se trabalha bastante, mas tem vento, faz frio, dá pra andar e olhar pro céu. Isso é liberdade!” É por isso, dizem, que os ricos querem ter sítios ou casas na Serra do Evaristo, “para ter ao menos dois dias de liberdade”

[os finais de semana]. Além disso, o melhor acesso à água permite liberdade em relação aos sertanejos que, com as secas, perdem tudo e têm de migrar.

Trabalhar muito não é sinônimo de cativo, mas de liberdade, pois trabalhar a céu aberto, com a temperatura do Evaristo, é o melhor dos mundos, diferente de quando trabalhavam em regime de arrendamento para Fazendeiros na Fazenda Jardins, vizinha ao local, mais no pé da serra. Um lugar quente e “feio”, por isso mesmo ruim, onde se trabalhava “como escravo”, como conta Dona Luzia. No Evaristo, a “frieza” se faz sinônimo de liberdade, não apenas porque é bom ter uma pausa do calor, mas a abundância de água e as atuais cisternas livram o trabalhador da mão de seu opressor, o grande fazendeiro, o coronel ou o doutor, como chamam. Sem o monopólio da água, vive-se livre, diferentemente do que se passa nos sertões, onde um só senhor vende a água em troca de trabalho ou dinheiro até os dias atuais.

A partir das colocações nativas, percebe-se que a questão fundiária no território cearense está ligada ao acesso à água. Esse acesso, por sua vez, vem dos céus, das chuvas, já que seus rios intermitentes as têm como única fonte de abastecimento e, por conseguinte, secam todos os anos devido ao regime de chuvas irregular que não permite a existência de rios nem de outras fontes de água perene próximas. Ainda, a seca representa um problema político pois, menos do que a falta das chuvas, é o monopólio do armazenamento e do acesso a água que está em jogo. No sertão, o coronel tem dinheiro para irrigar a plantação, “hoje até uva nasce no sertão”, como diz Seu Paulo; já o sertanejo, este padece. É o que políticas envolvendo transposições de rios e construções de cisternas visam sanar. Como comentavam sobre a transposição do Rio São Francisco: “na verdade ele já é transposto, só que não para o povo. É tudo pros fazendeiro”.

Porém, o calor e o tempo seco também chegam ao Quilombo. A paisagem se transforma do verde e vermelho escuro para o marrom das árvores secas e no laranja da terra empoeirada. Apesar de a vida ser mais fácil agora, com a sorte sendo trazida com a ajuda dos jumentos (já que antes era tudo “na mão e na cabeça”), as motos e o pau de arara também, tal secura não deixa de atrapalhar porque traz alergias, as rinites e dificulta o trabalho por causa do calor. Por isso, a construção das cisternas é outro modo de se driblar o problema da escassez. Esse projeto, contudo, não é do Governo, mas da Obra Internacional Kolping, católica, que subsidia a construção para os habitantes. Isso prova, como dizem, que até mesmo as cisternas foi Deus quem deu.

Água em abundância: coisa do passado e do futuro

A questão das chuvas está presente no repertório da fé e das preocupações do território do estado desde pelo menos 1618, como bem demonstra Carneiro da Cunha (2009) ao falar sobre as disputas em torno das relíquias (ossos) do Padre Francisco Pinto, com poderes de fazer chover, pelos antigos Tabajaras, da Serra de Ibiapaba, e os jesuítas. Os índios escondem o corpo do padre que, incorporado ao xamanismo, tem poder de fazer chover (:203-19). As profecias de Antonio Conselheiro e a fé em Padre Cícero também são cruciais no saber sobre o tempo. Dona Socorro emociona-se ao se lembrar da ladainha de Padre Cícero, fama que está musicada por Gilberto Gil na música ‘Testamento’ e que seu pai cantava para pedir chuva: “era coisa linda! E funcionava mesma mesmo”.. A ética do Padre, ou Padim Cíço, de humildade, pobreza e milagres ‘participa’ da estética-ecológica do Evaristo também.

A máxima de Antonio Conselheiro de que ‘o sertão vai virar mar, e o mar virar sertão’ também é lembrada. Especialmente nos episódios de crise de abastecimento em São Paulo no ano de 2015. Comentavam, que era grosseiro o que aprecia na televisão, que aquilo ali em São Paulo não era seca, seca é a do Nordeste. Contudo, lembravam-se de Conselheiro e se perguntavam sobre um futuro possível de abundância de água no Ceará. “Será, Cauê?”, certa vez me disse Seu Paulo enquanto assistíamos às notícias no Jornal Nacional. A fartura da água do passado poderia mesmo voltar? Alguns já comentam que o tempo de inverno diminuiu, mas as cisternas passaram a existir, agora seria tempo de fazer cisternas maiores para cobrir o verão sem que o abastecimento da natureza (chuva) se acabasse e para não haver necessidade de comprar água do carro-pipa, cujo valor é de 200 reais por mil litros – muito alto para o povo do Evaristo.

Fazer uma cisterna é trabalho que envolve cavar um buraco na terra, fazer as placas de cimento para depois montar a estrutura, o que requer tempo seco e sol, para que tudo fique perfeito, sem rachaduras. É preciso muita água para viver, especialmente por causa da banana, é preciso da estiagem para brotar a planta, construir mais casas e cisternas, para que novamente a chuva venha e alegre a vida. Numa dessas tentativas, Seu Tonho, esposo de Dona Socorro, iniciou um projeto da construção de uma cisterna com capacidade para 30 mil litros, o suficiente para a família enfrentar um verão inteiro sem passar necessidade.

O processo de construção, que levou cerca de dois meses, contou com ajuda dos filhos, Levy e Felipe, e com as muitas visitas dos curiosos parentes que passavam por ali quase diariamente para ver a construção. Foram muitos carros com areia e cimento para fazer a quantidade de placas necessárias. Dona Socorro comentava, enquanto ria de modo nervoso, que

tinha medo da cisterna. Eu perguntava o porquê do medo, ela dizia: “Não sei Cauê. É um inverno inteiro dentro dum pote! E se estourar, já imaginou?”. O certo é que a obra obteve sucesso e o inverno coube dentro da cisterna abastecendo a família por todo o verão de 2016 e de 2017. Essa segue sendo a maior cisterna de que já se ouviu falar e instiga outros habitantes a construir reservatórios cada vez maiores...

Talvez o futuro de abundância seja o da técnica do ‘bricoleur’, talvez seja o professado por Antonio Conselheiro; o certo é que, no Evaristo, ninguém mais quer passar sede, não importa o que seja preciso fazer. Se necessário, como dizem, “nos descemos a Serra e vamos pra Prefeitura. Na seca de 1995, a gente já fez isso, faltou água e os preços do litro estavam muito altos, daí a gente invadiu tudo, até os mercantil [mercado]” (Professor Evandro). Contam, também, que o povo de Baturité sofre mais calado com a seca, mas quando ouvem que alguém do Evaristo vai protestar ou rezar, eles botam fé. Como nos episódios de 1995, ano em que a população local não tinha água para beber, mas só foi à rua reclamar quando soube que o “pessoal da Serra” estava descendo. Assim, no Evaristo, a água não falta, seja por fé, por trabalho ou por política. E há quem diga que tudo isso é a mesma coisa.

Algumas Considerações

Nesse artigo, descrevi a ecologia local, seu relevo, manejo das águas, agricultura e criação dos animais, sua paisagem a partir das falas nativas. A economia de subsistência e a monocultura da banana para venda são pares não opostos de um modo de se lidar com a terra e com a água, modos que se constituem como *ethos* incorporado e como porvir/devir, ao mesmo tempo – pois se nasce com, ao mesmo tempo em que se deve tornar, sem nunca tornar-se completamente. Pois como deve ter ficado evidente, “antigamente” é o objetivo inatingível dessa ‘ética-estética’. Um estilo de vida que caracteriza o “ser agricultor do Evaristo”. Esse modo de existência tem base no aprendizado das atividades ligadas às duas estações do ano, inverno (chuva) e verão (não-chuva), nas quais a importância da água fica clara.

Manejar o solo, realizar mutirões para o plantio e para construção de casas e cisternas são ações relacionadas às estações também. A relação da comunidade com os fenômenos essenciais para o modo de vida da agricultura sertaneja (duração do inverno, secura do ar, aproximação de aragens) ocorre através do especialista ritual conhecido como Profeta da Chuva. O atual profeta da chuva, Seu Paulo, reconhece e interpreta os sinais que evidenciam o tempo de estiagem, de chuva, de seca, de calor ou de umidade. Para isso, entram em ação o dom e o saber adquirido ao longo de uma vida dedicada à observação da natureza (plantas,

animais e tempo), que guiam as profecias. Além disso, através de uma continuidade, ou uma não disjunção entre o que chamamos de natureza e sobrenatureza, acontece o dom, a parte que não se aprende desse ofício. Exemplo disso é a comunicação com as borboletas, aquelas que contam sobre a chuva que virá, ao tocarem a pele do Profeta. Isso faz parte do que não se aprende. Mas observar, por seu turno, proporciona um saber adquirido ao longo dos anos, como no caso das constelações que avisam sobre chuvas e estiagens.

A paisagem oferece diferentes contornos ao observável e ao dom. A mudança de estação está relacionada a uma miríade de males que adoecem, como viroses, quentura, friagem e alergias de cada estação. Dizem, que as estações mudam os corpos. Nesse sentido, a Farmácia Viva, uma das Pastorais da Capela local entra em cena com remédios caseiros: lambedores, infusões, garrafadas, tinturas, pomadas, argila e tônicos. Remédios aprendidos de mãe para filha, outros em cursos oferecidos pelo Governo Federal a comunidades tradicionais. Todo preparo é acompanhado de limpezas espirituais e orações com transmissão de dons curativos das mãos para o remédio, que tem na fé seu principal ingrediente.

Por fim, tratei dos debates que os habitantes travam em torno da monocultura da banana, que sustenta, mas consome água em demasia; além disso, as mudanças no tempodas últimas décadas diminuíram o tempo do inverno, mudando constelações de lugar, extinguindo plantas e insetos necessários para as profecias. Contudo, a linguagem nativa aciona menos uma questão climática escatológica do que uma ética-estética cristã descumprida ou desviada nos últimos anos, relacionada ao fim da prática de esconder São José e de realizar procissão para ele. Há um saber e um milenarismo próprio relacionado à seca que remete às profecias de Padre Cícero e Antonio Conselheiro, todas divulgadas em cordéis que fazem parte do repertório do camponês cearense sobre como lidar com as mudanças “climáticas” e a possibilidade de seca total, quando toda a produção de alimentos está inviabilizada e o sistema regional se colapsa forçando a migração massiva. O que como vimos não acontece aqui, haja vista sua ecologia privilegiada dentro do contexto cearense, onde a maioria do campesinato está nos sertões. Além disso, contribuí para a não existência da seca total a relação da fé católica no ambiente e as novas tecnologias de armazenamento d’água, que prolongam artificialmente o inverno no verão.

Todos os temas abordados apontam para um modo distinto de descrever e conhecer o mundo e a si mesmo, modo baseado no ambiente, na ecologia. Estendendo os modos pelos quais meus interlocutores falavam sobre saúde e sobre mudanças climáticas ao entendimento antropológico sobre corpo, podemos dar um salto das teorias do tipo “técnicas corporais” e/ou “encarnadas/carnistas” para um modelo, ao mesmo tempo, mais próximo da experiência e

próximo das articulações de Bateson (1972) sobre organismo-ambiente. No último, um distanciamento para com as teorias mais tecnológicas, bem como para com àquelas preocupadas com as descrições do *self* (p. ex. Csordas 2004; Mauss 2006), abre o corpo e a pessoa para o mundo, diluindo a própria noção de cultura na de ambiente, expresso em habilidades (*sensus* Ingold 2002). É sobre habilidades num ambiente que os corpos do Evaristo são compostos, sob um único plano de composição no qual a territorialidade se faz ecologia de práticas corporificadas.

Assim, num ambiente de intensa relação com o lugar onde se habita, não faz mais sentido falar no corpo como *locus* de uma cultura, mas sim de organismos que se compõem com ambientes, provendo outros modos de descrição do mundo vivido. Nesse sentido, semelhante e diferente do encontrado em Anjos (2004) e Machado (2009; 2016) para comunidades rurais negras ou quilombos rurais, estamos diante de geografias de corpos e de territórios-pessoas. Semelhante, porque a geografia compõe com corpo e ambiente, porque o modo de descrição de um território expressa uma noção de pessoa e vice-versa. Diferente, porque uma incursão mais próxima à ecológica local provê uma distinção para com um binarismo residual marcado pela hifenização de conceitos e categorias. A ideia é que se diga ecologia e se veja corpo, ou o contrário. Não organismo-ambiente, apenas corpo, expandindo assim a corporeidade da filosofia nagô para diferentes existências negras, como os quilombos no Brasil.

Referências

- ANJOS, José Carlos dos. Território de cura. In: ANJOS, José Carlos dos. SILVA, Sergio Baptista da. **São Miguel e Rincão dos Martimianos: Territorialidade e ancestralidade negra**. Porto Alegre: ed. da UFRGS/FCP, 2004.
- BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**. Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution and Epistemology. Jason Aron Inc.: 1972.
- CSORDAS, Thomas. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008
- INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. Londres: Routledge, 2002.
- KOHN, Eduardo. **How Forests Think: Toward an anthropology beyond the human**. University of California Press: 2013.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Oleira Ciumenta**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Origem dos Modos à Mesa (Mitológicas v. 3)**. São Paulo: Cosac Naify. 2006 [1968].
- MACHADO, Cauê Fraga. **De partes e potências: a pessoa na Casca/RS**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Porto Alegre: Departamento de Antropologia, UFRGS.
- MACHADO, Cauê Fraga. Agenciamentos da benzedura: o sistema de cura no Quilombo da Casca/RS. **ACENO**, v.3, n. 6., 2016.
- MACHADO, Cauê Fraga. **Ecos de um Quilombo: Estética da Re-existência na Serra do Evaristo/CE**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2018.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify. 2006.
- PEIRANO, Marisa. **Proibições Alimentares numa Comunidade de Pescadores**. (Dissertação de Mestrado). Brasília: PPGAS UnB, 1975.
- SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: A Forma Social Negro-Brasileira**. Salvador: Prosa e Poesia, 1998.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.
- STRATHERN, Marilyn. The limits of auto anthropology. In: JACKSON, Anthony. (ed.). **Anthropology at home**. Londres: Routledge, 1987.
- VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: Passos na Constituição de um Paradigma Ecológico. **Mana**, Rio de Janeiro, n, 7, v. 2, p. 133-140, 2001.
- VIEIRA, Suzane de Alencar. **Resistência e Pirraça na Malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2015.

Recebido em 04/10/2024 | Aceito em 29/10/2024



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional